

FABRE, Georges, MAYER, Marc et RODÀ, Isabel. *Inscriptions Romaines de Catalogne, IV. Barcino*. Paris: Diffusion de Boccard, 1997.

Pedro Paulo A. Funari

Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

A publicação de *copora* documentais constitui uma tarefa primordial, em particular no que se refere àquela evidência proveniente da investigação arqueológica. A Arqueologia produz um imenso manancial de dados e, no que se refere ao Mediterrâneo, os museus e outras instituições custodiam grande quantidade de material arqueológico inédito ou, ainda que publicado, de difícil acesso, pois podem ter sido publicados há muitas dezenas de anos, com referencial bibliográfico desatualizado, portanto. As inscrições antigas, pela importância que sempre se lhes atribuiu, desde o Renascimento, foram objeto de atenção de eruditos, nos primeiros séculos da era moderna, e de estudiosos acadêmicos, a partir do século XIX. As inscrições latinas, compiladas, por iniciativa de Theodor Mommsen, no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, têm sido objeto de especial atenção, podendo afirmar-se que o imenso número de epígrafes conhecidos e estudados constitui um patrimônio científico ímpar para o estudo da Antigüidade romana.

Neste contexto, o Instituto de Estudos Catalães, as Universidades de Barcelona, Autônoma de Barcelona e de Pau, apoiados pelo CNRS (Paris) e Ministério de Educação e Cultura (Madri), publicam o quarto volume das inscrições romanas da Catalunha, referente à antiga *Barcino* (Barcelona). A obra inicia-se com uma introdução (p. 11-56) que contextualiza o catálogo epigráfico, ao tratar da topografia urbana das descobertas epigráficas, das fontes literárias, da tradição de seu estudo, do histórico das coleções barcelonesas. Particular destaque é devotado ao estudo do conjunto de 317 inscrições monumentais, a começar dos materiais (tipos de mármore, calcários, arenito, bronze) e da classificação das inscrições em seis categorias: 175 funerárias, 90 honoríficas ou públicas, 18 religiosas, 7 cristãs, 5 várias e 22 indeterminadas. Assim, mencionam-se imperadores (10 exemplares), senadores (10), *equites* (4), magistrados vários (17), *seuiri* (45), mulheres (8), jovens (3), estrangeiros (4), libertos (61), entre outros. Estudam-se, ainda, as formas dos monumentos e suas molduras e da escrita, o latim de Barcelona, os cultos, personagens eminentes e notáveis, estrangeiros, concluindo-se com considerações sobre a Epigrafia e a História da cidade de Barcelona. Destaca-se, nesta introdução, a interpretação sociológica de que a sociedade barcelonesa era uma sociedade aberta, na esteira do modelo proposto, originalmente, por Geza Alföldy e em contraste com a interpretação normativa, propugnada pela escola de Cambridge. Enquanto o caráter dinâmico da sociedade barcelonesa transparece em inúmeras epígrafes, apenas uma delas se refere a laços de clientela (inscrição 32, *clie<n>s*, com nasal implosiva de articulação fraca omitida, cf. CIL IV 8512). Assim, esta abertura mostra-se, segundo os autores, no lugar que as mulheres ocupam, já que algumas delas recebem homenagens gravadas em pedestais erigidos com a autorização dos decurhões (8 exemplares) e, ainda, na importância, desde a época de Augusto, alcançada por libertos ligados a algumas grandes famílias

e que constituem um grupo particularmente importante na cidade comercial.

As inscrições são publicadas de forma bastante completa, com informações detalhadas sobre todos os aspectos. Há descrições do material, das dimensões, não apenas do monumento como, algo muito raro, do campo epigráfico, da altura das letras e dos espaçamentos. A grande maioria das epígrafes está reproduzida em fotografia, cada uma delas contando com transcrição e tradução, seguida das principais referências publicadas e de um comentário que procura dar conta das relações da inscrição com o contexto histórico e filológico. Algumas inscrições merecem estudos específicos, como é o caso das “considerações sobre os *Pedanii* barcelonenses” (inscrição 37, p. 102-105), cujos libertos *Pedanii* prosperaram e chegaram ao sevirato em época flávia e cujos descendentes, entre 110 e 130, já cidadãos romanos, atingiram os cargos municipais. O tema dos libertos mostra-se, na verdade, talvez aquele mais tratado, tanto por sua ubiqüidade, como pela variedade de situações. Uma inscrição (45) da época dos antoninos, que trata de um centurião aceito *inter immunes*, elevado às honras da edilidade e que deixou uma doação a Barcelona, condiciona sua benemerência a que seus libertos e os libertos de seus libertos que exerçam o sevirato estejam isentos (*ea condicione uolo ut liberti mei item libertorum meorum libertarumque liberti quos honor seviratus contigerit ab omnibus muneribus seuiratus excusati sint*). O sevirato, pois, não punha em jogo apenas as relações entre libertos e autoridades locais, mas requeria a autoridade e a autorização de um patrão cujos direitos econômicos podiam ser, de alguma forma, atingidos pelas liberalidades consentidas por seus antigos servidores (p. 117).

Ainda quanto ao caráter aberto da sociedade barcelonesa, muitas inscrições podem ser mencionadas. Numa delas (63), datada de meados do primeiro século d.C., uma provável liberta menciona sua mãe e irmão, ainda escravos, noutra (71) pode supor-se que mencionam casamentos entre mulheres livres e homens libertos, enquanto uma esposa de um liberta, Quintus Calpurnius Nymphus (78), é chamada de *uxor*, termo que reaparece em muitos outros documentos (e.g. 81; *marita*, 126, por oposição a *contubernalis*, 151; 252). Muitos casamentos mistos, entre libertos e livres, são mencionados (e.g. 79), sendo este o caso de um Caius Iulius Daduchus, liberta, que se casou com uma liberta sua ou do patrão (81; cf. 138). Uma inscrição (109) julgada falsa por Hübner, o editor do CIL II, provavelmente porque não se adequava ao seu modelo de sociedade antiga, é reavaliada como verdadeira pelos autores. Trata-se de uma dedicatória do ordo da colônia a um liberta, provavelmente público, por sua defesa do interesse comum (*ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas*). Há referências indiretas a uniões familiares entre escravos (157; 250; 259) e entre escravos ou humildes de diferentes grupos étnicos (e.g. 173; 175). Todas essas inscrições contribuem para reforçar a interpretação proposta de Barcelona como uma sociedade aberta, dinâmica e com mobilidade social.

Poucos são os vulgarismos, como *amice* (por *amicae*, inscrição datada de fins do século II d.C. ou princípios do III), ou *File* (por *Phile*, também de fins do século II d.C.), o que está a indicar que essas epígrafes eram obras de artesãos competentes não apenas na simétrica apresentação das letras como no domínio do latim erudito, em contraste com as inscrições não monumentais, ausentes desta compilação. Neste sentido, os autores mencionam, ainda na introdução, os debates recentes sobre a alfabetização no mundo romano e, durante todo o livro, percebe-se que a localização das inscri-

ções monumentais se relaciona com a planta da antiga *Colonia Fuentia* e com as áreas mais privilegiadas e freqüentadas da cidade, o que se pode constatar, visualmente, na figura (p. 54-55) que apresenta a distribuição espacial das concentrações de achados epigráficos. Em termos gerais, o volume fornece um manancial de documentos publicados de forma detalhada e que permite ulteriores estudos sobre os mais variados aspectos da sociedade barcelonesa, em particular, e do mundo romano, em geral. Assim, a estrutura social, apenas mencionada nesta resenha em relação aos libertos, pode ser amplamente explorada, a partir da evidência recolhida. Da mesma maneira, um estudo propriamente paleográfico das epígrafes poderia estudar os ateliês, as técnicas de *ordinatio*, de pontuação e de estilo das letras capitais monumentais. Este, portanto, o mérito maior desta obra, que, certamente, exigiu grande esforço e erudição por parte dos autores, e que se constitui em um instrumento de pesquisa fundamental para arqueólogos, historiadores, filólogos e outros estudiosos do mundo romano.